

FESTIVAL MÚSICA, VAIA E POLÍTICA

BELLA STAL
Fotos de Rubens Barbosa,
Kaoru Higuchi e
Octales Gonzales



O público não economizou seus aplausos



Por todos os lados, as torcidas organizadas

Tom Jobim, Chico Buarque e o júri receberam uma vaia política — o defeito de Sabiá, na ótica das arquibancadas, era apenas o de não ter o engajamento de Pra Não Dizer que Não Falei de Flôres. O vídeo-tape da noite de domingo será visto na Europa e nos Estados Unidos, e certamente norte-americanos e europeus ficarão chocados com a participação do público carioca. Não vão entender por que o povo passou a noite inteira aplaudindo tôdas as músicas — e especialmente o Tom Jobim — e no último ato se voltou contra a que o júri escolheu como a melhor.



Hora de protestar.



Tudo, menos indiferença

Ao entrar no palco do Maracanãzinho domingo, pouco depois das 21 horas, Tom Jobim foi delirantemente aplaudido de pé por mais de 20 mil pessoas que lotavam o estádio.

Duas horas depois, Tom Jobim voltou ao palco levado por outros compositores, e foi recebido por uma estrepitosa vaia que partiu do mesmo público. Os convidados estrangeiros do Festival da Canção não estavam entendendo muito bem essa mudança repentina. Os outros compositores brasileiros participantes ficaram entrecorados e assustados com essa reação. Muitos deles, que têm em Tom Jobim um mestre e um amigo e lhe reservam um lugar sagrado na música popular brasileira, estavam revoltados.

Mas a vaia que partiu do público e que se prolongou por quase 23 minutos no final do espetáculo não era dirigida a Tom Jobim ou a Chico Buarque, mas ao resultado e ao júri, que escolheu Sabiá para o primeiro lugar.

Embora toda a admiração que o público sente por Tom tenha sido demonstrada e provada neste Festival em duas oportunidades, numa das mais intensas demonstrações de entusiasmo, a vaia ao final do espetáculo de domingo foi a única forma encontrada pelo público para demonstrar seu descontentamento.

Durante todo o decorrer do Festival, em dois espetáculos anteriores, e mesmo na apresentação das 20 finalistas, domingo, a reação do público foi correta, em termos de respeito pelos compositores e músicos concorrentes.

O opinião do público era demonstrada através de maior ou menor número de aplausos, e até mesmo as torcidas organizadas, com faixas e tudo, respeitavam e aplaudiam as outras concorrentes. Principalmente na final de domingo, na fase de apresentação das 20 músicas, o entusiasmo do público foi geral, e a vibração provocada por quase tôdas as concorrentes se manifestava por aplausos, faixas, pessoas dançando e cantando em côro.

PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE VAIAS

Mas dentro do aplauso moderado do público para as semifinalistas apresentadas nos dois primeiros espetáculos, destacou-se logo o entusiasmo provocado pela música de Geraldo Vandré, e desde o início já se previa uma vaia gigantesca caso a música não fosse a escolhida. O próprio júri sabia disso. A essa altura, porém, era apenas um aplauso mais intenso que os outros, mas sem vaia.

O primeiro sinal evidente de protesto do público começou quando a música Caminhante Noturno, de Os Mutantes, foi anunciada no sexto lugar. Grande parte do público torcia por esta música desde os espetáculos anteriores e esperava melhor classificação.

E a vaia mais intensa começou quando Geraldo Vandré, que era chamado sem parar pela platéia, foi anunciado no segundo lugar. Daí em diante não se ouvia mais a voz do locutor Hilton Gomes.

Andança, de Danilo Calmi e Edmundo Souto, que já era esperada entre as vencedoras pelos compositores concorrentes, foi repetida já como terceira colocada, mas as vaia continuavam e as vozes de Bete Carvalho e dos Golden Boys ficaram perdidas.

Conservando a mesma intensidade e violência, as vaia transformaram-se em aplausos e gritos quando Vandré entrou para repetir Pra Não Dizer que Não Falei de Flôres, e foi acompanhado em côro pelas 20 mil pessoas que lotavam o Maracanãzinho e acenavam com lenços brancos.

Pedindo bis e gritando o nome de Vandré, o público não deixou que Cinar e Gibebe fossem ouvidas quando vieram cantar novamente Sabiá. Atacado por alguns, que o classificaram de demagogo, Vandré entrou novamente no palco acompanhando as duas cantoras, sentou-se num banco com o violão e fez um apêlo ao público para que respeitasse a música de Tom e Chico.

QUESTÃO DE MORAL

Quase tonto e transtornado pela consagração do público, pelo abraço dos colegas, Vandré tinha declarado pouco antes, nos bastidores, que "estou com o público", referindo-se ao resultado e à reação da platéia.

Mas qualquer que fosse sua opinião sobre o resultado, a atitude de Vandré só poderia ser mesmo de apoio a Tom, Chico e a Cinar e Gibebe, por questão de coleguismo, e também porque Vandré não deve ter

esquecido a atitude tomada por Chico Buarque no II Festival da Recorde, em 1966. Foi o famoso Festival em que venceram empatadas A Banda, de Chico, e Disparada, de Vandré. Mas esse empate foi pedido por Chico Buarque, porque, de acordo com a votação do júri, a vitória caberia à Banda, por sete votos a três. Com a atitude tomada por Chico, o público, que estava dividido entre as duas músicas, saiu satisfeito com o resultado.

Agora entre a música de Chico e a de Vandré, a diferença foi de apenas três pontos: Sabiá recebeu 109 votos, enquanto Pra Não Dizer que Não Falei de Flôres recebeu 106. Mas o público não estava dividido e apoiava em bloco a composição de Vandré para o primeiro lugar, embora tivesse gostado de Sabiá. Se a ordem de classificação, tivesse sido invertida, com certeza o público aplaudiria Tom e Chico em segundo lugar.

Em quantidade e intensidade, a vaia de domingo no Maracanãzinho suplantou tôdas as demais ocorridas em festivais anteriores. Mas apesar dos vídeo-tapes das eliminatórias paulistas do Festival, o público ainda não adotou os métodos violentos que estão caracterizando as manifestações do público paulista, e que atingiram seu ponto máximo em relação a Caetano Veloso, este ano, provocando em resposta um discurso violento do compositor, mas que no ano passado fizeram com que Sérgio Ricardo atirasse seu violão sobre a platéia.

CADERNO

B

Embora **Pra Não Dizer que Não Falei de Flôres** fôsse a canção que comoveu todo o público do Maracanãzinho, por fôrça do seu alto poder comunicativo, a vitória de **Sabiá** não foi imerecida, devendo-se absolver o júri pela longa vaia que recebeu. A sua grande falha — e que poucos perceberam — foi a de não conferir o prêmio de melhor intérprete a Sílvio Caldas, ainda o melhor de todos neste seu quase meio século de carreira.

É evidente — e isto de certo modo é desculpável — que houve algumas acomodações, como a de pôr **Dois Dias** entre as dez finais, preterindo **Oxalá**, por exemplo, e como a de premiar Os Mutantes, cuja apresentação foi ridícula.

A decisão final, a exemplo de todos os festivais já realizados e a se realizar, é sempre motivo de discussão. Muitos não entenderam o sétimo lugar dado a **Dança da Rosa**, merecedora, sem dúvida, de uma melhor colocação. Mas entre erros e acertos, registra-se a boa situação em que ficou **Passacalha** e a indicação de Bené Alves para revelação de intérprete.

● OS FATOS

A realização deste III Festival Internacional da Canção mostrou, efetivamente, que a música brasileira estagnou. Nenhuma nova fórmula, seja na estrutura melódica, seja na temática; nenhum nôvo caminho no campo harmônico; nenhuma novidade no terreno interpretativo. Este Festival ratificou, de uma maneira quase eloqüente, a tese de que há uma saturação no mercado musical, saturação esta devida sobretudo a uma imensa produção e uma ínfima dose de qualidade.

Tais promoções, porém, são de uma valia incontestável pois permitem que se ponha a



Cinara e Cibele, estrêlas no caminho de Tom e Chico



Geraldo Vandré, sensibilizado, agradeço



JUVENAL PORTELLA

UM FESTIVAL E MUITAS VERDADES

positor que ficou nas finais e sim aquêlê que mostrou alguma coisa de positivo. E quem mostrou? Ao contrário: as decepções, estas sim, foram em número superior. A rigor, os festivais, na forma em que são organizados no Brasil, nunca podem atingir um rendimento maior ou melhor, a exemplo dos demais.

Não houve novidades êste ano. Surgiram músicas de protesto, canções líricas, evocações carnavalescas, fusão de gêneros musicais, gêneros antigos voltaram a ser mencionados, usou-se o contracanto e forma inversa na mesma composição; por fim, repetiram-se fórmulas. Em termos de estrutura melódica, pouco se ouviu, uma vez que a quase totalidade dos composito-

PANORAMA

DAS LETRAS



VINIcius DE MORAES PARA VIVER UM GRANDE AMOR

VINIcius SEMPRE — Vinicius de Moraes desmente a lenda de que os bons poetas não têm público no Brasil. Agora mesmo, com capa de Carlos Leão — em branco, vermelho e ouro — a Editora Sabiá nos dá a quinta edição de *Para Viver um Grande Amor*, metade em prosa, metade em verso, mas todo em poesia. A nova edição brasileira coincide com o lançamento da primeira edição em castelhano, lançada em Buenos Aires. De suas crônicas, diz Vinicius: "Há, para o leitor que se der ao trabalho de percorrê-las em sua integridade, uma unidade evidente que as enfeixa: de um grande amor." Quanto aos poemas, diz que "visam a amenizar um pouco a prosa: dar-lhe, quem sabe, um balanço nôvo." Vale a pena ler êsse livro. Para sentir um grande poeta, um grande público.

JANIO FALA — De seu confinamento em Corumbá, onde em princípios do século Generoso Ponce Filho passou a infância, o Sr. Jânio Quadros enviou-lhe uma carta, agradecendo a remessa do livro *O Menino que Era Eu*: "Li, com encantamento, *O Menino que Era Eu*. Permita dizer-lhe que não conheço outra biografia escrita com a mesma graça e a mesma leveza. Devorei-a. Há nela o melhor passado; êsse ingênuo, que os anos valorizam e nos faz um pouco melancólicos, nostálgicos. Muito que ali está, sobre a experiência pessoal, é experiência humana e, assim, pertence a todos. Há, creia-o, um pouquinho de mim. Em muitas páginas. Por outro lado, resalta, vigorosa, a personalidade de seu nobre pai, na glória e no destêrro, grande sempre, a ponto de ter uma só estatura nos azares da vida pública. Conta o livro, a mim, com fumaças de historiador, o episódio do sargento Vargas, até então desconhecido. Inscreva-me entre os seus mais fêrvidos admiradores, tal o estilo e o gôsto da obra. Seu eu respeitava o

ídolos e jamais ocupada com os destinos não apenas dos próprios ídolos — sejam eles autores ou intérpretes — mas também com a música que se faz neste país.

Sem pretender ser cético, o observador não pode evitar informes negativos, mas não deve deixar de registrar um ou dois fatos perfeitamente válidos no contexto do festival carioca. O primeiro — e talvez o mais importante de todos — é a experiência do maestro erudito Edino Krieger. Certamente vai surgir alguém para dizer que ele está mesclando o popular com o erudito e tirando efeitos dessa união. Isto não é bem verdade. O que Krieger tem pretendido é, numa linguagem comum, retirar do popular os seus vícios mais evidentes, com a sua experiência de músico, e dar uma vestimenta rítmica melhor ordenada. *Passacalha* representa um exemplo positivo disto, muito mais do que *Fuga e Antifuga*, embora de boa tessitura, porém ainda bastante rebuscada na sua formação.

O outro fato merecedor de registro foi o progresso que se conseguiu na área poética, principalmente com relação à chamada canção de protesto, agora armada em moldes mais sensatos e em condições de transmitir realmente uma mensagem e não a de emitir conceitos histéricos, como vinha ocorrendo.

Com isto não se pode declarar que o Festival conseguiu seus objetivos, pois que estes nem sequer foram estabelecidos. Diriam os organizadores: o objetivo é o sucesso. Transformado em programa de televisão, o Festival só podia esperar duas coisas, visto neste ângulo: a liderança do horário e o lucro financeiro. Para os sensatos, o objetivo era o aparecimento de um sem-número de composições positivas que pudessem marcar época; a presença de novos autores e intérpretes, e condições para que se formulasse um novo quadro para a MPB.

É evidente que não se pode ficar contra a presença da televisão, veículo divulgador da maior importância no mundo moderno. Fica-se contra é a transformação de um festival em mais um programa de TV, com intervalos comerciais devidamente anotados na ficha dos produtores; evidente intenção de não deixar de fora os nomes importantes, o que resulta numa intimidação aos selecionadores das composições inscritas e posteriormente na seleção derradeira. A solução seria a de franquear a todos os órgãos de divulgação a transmissão do importante conclave, não atribuindo a esta ou aquela estação de televisão a exclusividade. Sabemos todos que, não fosse a TV, talvez não se realizasse este ano o FICP. Mas até quando ficaremos atados a um patrocinador extra-Secretaria de Turismo? No dia em que isto acontecer, quando houver clima para que se escolha gente portadora dos requisitos mínimos indispensáveis e no momento em que não houver interesses em jogo, então teremos meios de conduzir o futuro da nossa música e muitos dos que hoje ficaram de fora pelos motivos apontados poderão responder à chamada.

● DOS NOMES

No ano passado, bem ou mal, surgiu uma revelação: Milton Nascimento. E neste? Rigosamente, ninguém. Quando se fala em revelação não se quer dizer que ela é aquela com-

Silvio Caldas, cabelos brancos que o público respeitou



Marcos Vale, viola menos enluarada que a de Vandré



Bete Carvalho e os Golden Boys, recado dado, e bem dado



Os Mutantes, exotismo e som perturbadores

cesso, de A. S. Neill, complemento à sua obra anterior, *Liberdade sem Medo* (Summerhill), que tanto impacto provocou quando do seu lançamento, aparece agora em terceira edição da Ibrasa, na tradução de Nair Lacerda. Sintetizando a filosofia summerhilliana de Neill, o livro defende a tese de que toda criança tem direito à liberdade, mas excesso constitui licenciosidade — ou seja, ultrapassar os direitos alheios.

Em algumas canções — este ano mais do que em 67 — percebeu-se melhor comunicação popular, infelizmente em número pequeníssimo, umas três ou quatro, se tanto. Música foi feita para comunicar e não para deleite de meia dúzia de pessoas. E como o público do Maracanãzinho se comportou? Lembram-se todos de que, excluindo-se os grupos organizados, foram poucas as vezes em que houve vibração espontânea. É claro que muitas destas vezes deveu-se à presença deste ou daquele nome, como foi o caso do magistral Silvio Caldas, co-responsável pela classificação de *Rainha do Sobrado*, que não estaria entre as 20 não fosse sua presença. E há mais: quase com certeza pode-se afirmar que se Elis Regina ou Jair Rodrigues estivessem presentes, as canções que defendessem estariam classificadas, mesmo que não tivessem qualidades. E por quê? Porque o público influenciaria e o júri cederia. Cederia porque lhe faltaria coragem de enfrentar a vaia, não por sua culpa, mas por culpa da estruturação do espetáculo.

● DE ANÁLISE

Juntam-se cinco ou seis críticos ou cinco ou seis pessoas que reúnam, realmente, condições para apreciar criteriosamente a música brasileira, e observem os resultados. Eles serão pouco otimistas se tiverem o mínimo de independência no seu julgamento. De nada adianta querer-se otimismo quando não se tem motivo para tanto. O III Festival Internacional da Canção Popular e o Festival da Música Brasileira, que se aproxima e que é outro programa de televisão (Recorde-São Paulo); mostram que é preciso acabar com as mentiras, com o fácil proveito, com a maneira ilícita de fazer fortuna, e partir para reunir elementos que fiquem na história. A fileira dos que se batem, sem nenhum compromisso com ninguém, ao menos sentimental, precisa ser engrossada.

● AS CONCLUSÕES

Fica o que do Festival, além do que já se disse? Apenas outra lição, a de que tanto os produtores de programas, em rádio ou televisão, quanto os produtores dos discos sejam mais honestos com o compromisso de fazer divulgar música brasileira. De 43 composições, seis são merecedoras do respeito de todos. Seis ou sete: *Dança da Rosa*, de Maranhão; *Passacalha*, Edino Krieger; *Sabiá*, Tom-Chico; *Pra Não Dizer que Não Falei de Flores*, Geraldo Vandré; *Andança*, Danilo Caími-Edmundo Souto, e *Oxalá*, de Téo. A que seria a sétima, não foi incluída, mas podia ser *Rua D'Aurora*, Fátima Gaspar-Durval Ferreira, ou *Dia de Vitória*, de Marcos-P.S. Vale, entre outras.

Resta praticamente nada a registrar num acontecimento em que as deficiências superaram as qualidades. Num festival do tipo a que se assiste no Brasil não se pode nunca censurar um resultado, mesmo que ele desagrade, que ele nada signifique, que ele não represente a verdade em matéria de música brasileira. E isto perdurará à medida que durar a mentalidade dos que comandam a promoção. Em resumo: ninguém vai cantar as músicas deste Festival, pois elas não vão durar por muito tempo.

ESPORTIVA — A Editora Gol, a primeira especializada em assuntos esportivos, lança novo livro: *Futebol Tem Cada Uma...*, de Armando M. Graça. Trata-se de uma coletânea de casos pitorescos, humorísticos, gozados mesmo. As piadas envolvem gente do Flamengo, Vasco, Botafogo, Corinthians, Remo e outros times brasileiros, estendendo-se a tiradas de jogadores peruanos, argentinos, chilenos, franceses, uruguaios, etc. Garrincha, o antológico, Pelé, Friedenreich, Armando Marques, Mário Viana, são alguns dos protagonistas de episódios divertidos narrados no pequeno livro da Gol.

A LÍNGUA — Depois de haver editado o primeiro volume, destinado à primeira série ginasial, a Editora FTD apresenta o seu *Estudo Orientado de Português* para a segunda série ginasial. A obra, de autoria do professor Giglio Giacomozzi, licenciado em letras e lente de português na Faculdade de Filosofia de Santos, segue o mesmo método do volume anterior: compõe-se de textos e fichas.

MARIA EM FORMA — Das muitas crônicas de Antônio Maria, espalhadas pelos jornais do Rio e da província, a Editora Saga vai editar uma seleção, a critério de Ivá Lessa, com apresentação de Vinícius de Moraes e Paulo Francis. Evangelho Segundo Antônio foi o título escolhido pelos amigos e admiradores do excelente cronista morto.

LER A JATO — Um novo curso de Leitura Dinâmica será ministrado, este mês, com aulas às terças e quintas-feiras, das 20 às 22 horas, no Centro Brasileiro de Estudos Internacionais (Rua Almirante Saddock de Sá, 276, Ipanema), a cargo do professor Antônio Carlos Franco de Sá.

PORTUGUESAS — Últimas novidades de Portugal: *Trotsky ou Mao?*, ensaio de Mário Matos e Lemos; *História Natural*, contos de Manuel Mendes; *Camões e a sua Vera Efigie*, de A. Gonçalves Rodrigues.

PARA EMPRESARIOS — O Management Center do Brasil acaba de lançar mais uma publicação de alto interesse para dirigentes de empresas. Trata-se do quinto volume da série de Estudos Especiais, intitulado *Novas Técnicas de Controle de Custos*, assunto de permanente relevância para a indústria e o comércio. O livro visa a reduzir gastos e desperdícios que reduzem comumente a rentabilidade das empresas.

DESELEGANCIA — Os editores brasileiros (salvo raríssimas exceções) estão disputando entre si a liderança da descortesia. O carimbo informando que se trata de oferta do editor — informação óbvia no caso de colonistas e críticos especializados — chega a inutilizar algumas obras: há editoras que o aplicam no frontispício, outras há que já chegaram ao requinte de colocá-lo em exemplares autografados pelos autores. Seria mais decente que pedissem de volta os livros examinados. Assim poderiam ter a convicção absoluta de estarem realmente fora de comércio.